



SEÇÃO: ARTIGOS

Novafala: a língua como instrumento de manipulação em 1984, de George Orwell

Newspeak: language as a manipulation instrument in 1984, by George Orwell

**Carina Maria Melchiors
Niederauer¹**

orcid.org/0000-0001-5453-8912
cmmniederauer@ucs.br

Anna Carolina Pasquali¹

orcid.org/0000-0002-6010-9564
annac.pasquali@gmail.com

Recebido em: 12 dez. 2020.

Aprovado em: 16 abr. 2021.

Publicado em: 27 jan. 2022.

Resumo: Este estudo tem por objetivo por à mostra o poder da linguagem na organização social. Para isso, faz-se a análise da obra literária, *1984*, de George Orwell, em especial, da criação de uma nova língua no país fictício da Oceânia, que se revela um importante mecanismo de controle da população. Para a análise dessa nova língua, chamada de Novafala, busca-se na noção de signo ideológico, como compreendida pelo Círculo de Bakhtin, em especial na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), de Volóchinov, o aporte teórico necessário para explicitar como o uso da língua pode contribuir para o controle e dominação de um povo. Como resultado, é possível observar que a eliminação da língua falada pela população e a criação de uma nova língua visa anular o pensamento crítico, tornando as pessoas meras reproduzoras de opiniões, sem qualquer tipo de reflexão.

Palavras-chave: Linguagem. Signo ideológico. Poder. Círculo de Bakhtin.

Abstract: This study aims to show the power of language in social organization. For this, the analysis of George Orwell's literary work, *1984*, is made, in particular, of the creation of a new language in the fictional country of Oceania, which proves to be an important mechanism of population control. For the analysis of this new language, called Newspeak, we seek in the notion of ideological sign, as understood by the Circle of Bakhtin, especially in the work *Marxism and philosophy of language* (2017), by Volóchinov, the necessary theoretical contribution makes explicit how the use of language can contribute to the control and domination of a people. As a result, it is possible to observe that the elimination of the language spoken by the population and the creation of a new language aims at canceling critical thinking, making people mere reproducers of opinions, without any kind of reflection.

Keywords: Language. Ideological sign. Power. Circle of Bakhtin.

Introdução

Quantas vezes já ouvimos dizer que a vida imita a arte? Seria possível uma obra literária, do fim da década de 1940, representar a vida política e social em 2020 e demonstrar a linguagem sendo utilizada como mecanismo de dominação? É isso o que tentaremos mostrar aqui.

A obra *1984*, de George Orwell, publicada em 1949, apresenta uma sociedade controlada pelo chamado Núcleo do Partido, formado por cidadãos da classe alta e que possuem, como objetivo principal, a sua perpetuação no poder. Para alcançarem esse objetivo, é necessário que tenham controle total sobre a classe média, a única que tem potencial para se rebelar, e que excluam completamente os "proletas", a classe



¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.

baixa, para que ela se mantenha onde sempre esteve: na base da pirâmide social.

Para subjugar os integrantes do Partido Exterior, os membros do Núcleo do Partido utilizam diferentes estratégias que demonstram ser extremamente eficazes: a) a manipulação do fato histórico, responsabilidade de um ministério que modifica toda e qualquer publicação para que esteja de acordo com o posicionamento e com as ações do Partido; b) o estado de guerra constante, que garante que a ascensão social seja impossível; e c) a Novafala, objeto desse artigo, que consiste em modificações linguísticas intencionais para reduzir a consciência da população.

O Brasil, e boa parte do mundo, vive um momento bastante semelhante ao descrito na obra de Orwell, no que tange às suas lideranças políticas, pois nunca é possível ter certeza de que não se está diante de algum tipo de manipulação. Em nosso país, assim como na obra em questão, uma parte considerável da população aceita como verdadeira a palavra de seu líder, acatando seu discurso sem questionamentos, mesmo que ele seja contrário ao que afirmam especialistas e, por vezes, o restante do mundo. Assim como na Oceânia, o país em que a história ficcional ocorre, não há consciência de classe, e o governo é endeusado em qualquer situação, até quando suas atitudes e seu discurso caminham na direção contrária à sensatez. A educação, por exemplo, que deveria ser responsável pela formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, é cada vez mais escanteada pelo Estado, o que configura um sinal de alerta, pois, conforme Orwell (2009, p. 248),² "as massas só podem desfrutar da liberdade intelectual porque carecem de intelecto".

A partir da análise de como a linguagem pode ser usada como instrumento de manipulação de um povo, espera-se que este estudo possa evidenciar a importância e o poder que a linguagem tem para manutenção do *status quo*. Precisamos das palavras para sermos seres pensantes, conforme Volóchinov (2017, p. 106)³ afirma, em *Marxismo*

e filosofia da linguagem: "Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social". Em um contexto em que ter opiniões opostas ao regime de governo e a seus apoiadores é inaceitável, mesmo que elas sejam fortemente fundamentadas, torna-se imprescindível manter ativa a consciência, para que ela não nos seja roubada.

Este estudo justifica-se exatamente por destacar o poder da língua na sociedade e como ela pode ser utilizada por aqueles que detêm o poder, no que tange à manipulação da população. Tem como fundamentação teórica os estudos provenientes do Círculo de Bakhtin, em especial, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, no que concerne ao caráter ideológico da língua.

1 Organização social e política da

A narrativa da obra *1984* desenvolve-se na Oceânia, um superestado composto pelas Américas, Austrália, parte sul da África e ilhas atlânticas. Além da Oceânia, também há a Eurásia e a Lestásia, potências que vivem em constante guerra entre si.

A ideologia vigente na Oceânia é o Socialismo Inglês, *Socing*, em Novafala. O Partido é a base da estrutura social e política da Oceânia, o superestado. A potência não possui uma capital, e seu chefe titular é o Grande Irmão, homem de quem ninguém sabe o paradeiro e que detém todas as realizações, experiências científicas e a felicidade atribuídas a sua liderança. O inglês é a língua franca, e a Novafala é a língua oficial; fora isso, nada na Oceânia é centralizado. O Grande Irmão é adorado e admirado por todos, e o lema do Partido é repetido orgulhosamente por seus membros: *Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força*.

Os membros do partido passam a vida, do nascimento à morte, sob o controle da Polícia das Ideias. Mesmo quando sozinhos, nunca podem ter certeza de que estão sós. Onde quer que estejam, dormindo ou acordados, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, podem ser inspecionados sem aviso e sem tomar conhecimento de que estão sendo inspecionados. (ORWELL, 2009, p. 248)

² A obra *1984*, de George Orwell, foi originalmente publicada em 1949.

³ A obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, de Valentin Volóchinov, foi publicada originalmente em 1929.

Os membros do Partido são constantemente vigiados por "teletelas", uma espécie de televisão que, ao mesmo tempo em que exibe conteúdos produzidos pelo Partido, capta imagens e sons de dentro das casas dos "camaradas". As teletelas ficam espalhadas em todos os locais, de maneira que a Polícia das Ideias, responsável por fazer a "manutenção" do poder do Partido, monitore e elimine qualquer pensamento que possa ameaçar a organização. Há outra maneira por meio da qual o Partido vigia seus membros: a transformação dos integrantes de uma família em espões. As crianças são treinadas desde cedo para serem cegamente fiéis ao Partido; se ouvem ou percebem qualquer atitude suspeita de seus pais, os denunciam para a Polícia das Ideias sem titubear. Sua lealdade não é à família, mas ao Partido.

As pessoas que compõem o Núcleo do Partido e o Partido Exterior trabalham em ministérios, que são responsáveis por diferentes setores político-sociais: "O Ministério da Paz cuida dos assuntos de guerra; o Ministério da Verdade trata das mentiras; o Ministério do Amor pratica a tortura; e o Ministério da Pujança lida com a escassez de alimentos" (ORWELL, 2009, p. 254).

A classe alta, ligada ao Núcleo do Partido, é composta por cientistas, especialistas em publicidade, professores e sociólogos, e compreende cerca de 2% da população. A classe média compõe o Partido Exterior, é considerada as "mãos do Estado". Essa classe é observada de perto, pois qualquer desvio de conduta ou manifestação de opinião diferente da do Núcleo do Partido são expressamente proibidos.

A camada mais baixa da pirâmide social é ocupada pelos chamados "proletas", que correspondem a 85% da população, e é ignorada pelos membros do Partido. Essa parcela da população não recebe educação e não tem acesso às produções destinadas aos membros do Partido; vive completamente excluída, não sendo, portanto, considerada perigosa, já que não possui acesso à informação para que possa formar opinião própria em relação ao regime de governo vigente.

Na Oceânia não existe possibilidade de ascender socialmente; a única mudança possível

é a remoção de membros considerados fracos do Núcleo do Partido. Qualquer um com brilhantismo especial, principalmente se for um proleta, é candidato à eliminação.

A política do Partido é a de manter-se no poder e, para isso, recorre a diferentes formas de manipulação, como veremos a seguir.

A Oceânia vive em constante estado de guerra. A guerra constante tem como objetivo usar a força de produção sem elevar o padrão de vida da população, o que resulta em um lugar destruído e faminto, ou seja: o propósito da guerra não é obter conquistas territoriais, mas, sim, manter intacta a estrutura social.

Assim, os que estão no poder travam uma guerra com o restante da população, que se encontra sob seu domínio, como forma de garantir a sua posição; o combate efetivo entre os superestados não existe. Nesse contexto, o significado da palavra "guerra" torna-se turvo e ambíguo, pois o efeito de estar em conflito constante teria, de alguma maneira, o mesmo efeito que a paz entre as três potências: "uma paz que fosse de fato permanente seria idêntica a uma guerra permanente. Esse – embora a imensa maioria dos membros do Partido só o compreenda de forma parcial – é o significado profundo do lema do Partido *Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força*" (ORWELL, 2009, p. 236, *grifo nosso*).

Para a realização do controle de informações, é criado um setor ministerial chamado Departamento de Documentação. Esse departamento é responsável por realizar o processo de retificação, que consiste em alterar dados de toda e qualquer fonte para que não haja nenhum material que ameace a soberania do Partido. A alteração vai desde números apresentados, como metas de produção das fábricas, que por algum motivo não foram cumpridos, até a retirada de nomes de pessoas que foram vaporizadas. A retificação garante que o Grande Irmão e o Núcleo do Partido nunca cometem erros e que a palavra de ambos é confiável, não deixando espaço para questionamentos.

Ainda como parte do projeto de permanência do Partido no comando do País, é criada uma lin-

gua, a Novafala, que tem como principal objetivo limitar o pensamento da população. A Novafala é resultado da redução de palavras do vocabulário existente e da combinação de diferentes palavras para dar origem a uma nova, com um sentido mais restrito. A ideia é abolir conceitos que possam prejudicar a ideologia do Partido, cerceando, assim, a liberdade de consciência e, conseqüentemente, de ação dos membros do Partido e da população em geral.

Para analisarmos a Novafala, valemo-nos da noção de signo ideológico, proposto pelo Círculo de Bakhtin, em especial na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, bem como de reconhecidos estudiosos brasileiros dos postulados bakhtinianos e do Círculo.

2 O signo ideológico

Para Volóchinov (2017, p. 93), uma forma linguística se torna um signo quando assume uma mobilidade de sentido que requer uma compreensão específica. O signo "reflete e refrata uma outra realidade" e é sempre ideológico; tanto o produto ideológico quanto o signo, por serem originados a partir de uma determinada realidade, apresentam a possibilidade de modificá-la ou distorcê-la a partir de um determinado ponto de vista.

Segundo ele, a compreensão acontece quando o sujeito aproxima um signo a outros signos já conhecidos, criando essa "cadeia da criação e da compreensão ideológica" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Essa cadeia liga uma consciência individual a outra, impregnando a consciência dos indivíduos de conteúdo ideológico que emerge na interação, assim como o signo. Volóchinov (2017) ressalta que, para que os sujeitos consigam realizar o processo de compreensão de um signo, é necessário que eles estejam organizados socialmente e que esse signo esteja relacionado a uma situação ou a contextos distintos.

A palavra torna-se, então, um elemento essencial da criação ideológica: está presente em todas as interações realizadas pelos indivíduos e serve como um indicador de mudanças sociais.

Consoante Volóchinov (2017, p. 98), "a realidade dos fenômenos ideológicos, é a realidade objetiva

dos signos sociais", o lugar de superestrutura, que se encontra acima da base econômica de determinado grupo social e "é constituída do processo social, político e espiritual da vida e de seus produtos; compreende toda a produção e os produtos do 'espírito' humano" (FIORIN, 2016, p. 20). Essa superestrutura serve como lar da consciência individual que utiliza a palavra como signo interior, social e ferramenta da consciência. A palavra se torna, assim, um elemento essencial da criação ideológica: ela está presente em todas as interações realizadas pelos indivíduos e serve como um indicador de mudanças sociais. A linguagem assume, aqui, um papel central na superestrutura, visto que a realidade é sempre percebida "semioticamente, ou seja, linguisticamente" (FIORIN, 2016, p. 22). Sendo assim, a palavra assume, segundo Volóchinov (2017), a função de fio ideológico, permeando todas as relações sociais.

Na interação social, os signos são organizados em enunciações. *Enunciação*, consoante Volóchinov (2017), é um sistema de signos complexo que se adapta às condições de dado momento e possui um sentido e uma significação unitários, determinados pelas formas linguísticas que a compõem e por elementos não verbais (condição ou situação na qual a enunciação é elaborada). A significação é atribuída à palavra pela comunicação e, quando usada na fala, a palavra apresenta um acento de valor: uma entoação na expressão que é definida pela situação social. Todos esses elementos, conforme Volóchinov (2017) fazem parte do tema da enunciação. O tema apresenta um índice de valor social que se torna individual quando a enunciação passa pelo processo de compreensão, que consiste em o indivíduo orientar-se em relação ao enunciado e localizar o seu lugar no contexto. Desse modo:

[...] cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. *Toda compreensão é dialógica*. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232. *grifo do autor*)

Em outras palavras, Volóchinov (2017) atribui à compreensão uma característica de diálogo pois, quando o indivíduo relaciona o que está sendo apresentado ao sistema de signos que já conhece e, conseqüentemente, ao índice de valor individual (a partir do qual julga o que é apropriado ou não), cria-se uma espécie de debate entre esses elementos, até que seja definido se o enunciado é adequado e se seu significado está correto. No momento em que a enunciação é aceita e compreendida em sua totalidade, os signos que a compõe passam a integrar o sistema de signos já conhecido pelo indivíduo.

O Núcleo do Partido, por meio da Novafala, modifica a estrutura das palavras, o que altera, conseqüentemente, seu conteúdo ideológico e o modo como as palavras são compreendidas pelo sujeito. Assim, há controle das possibilidades que o indivíduo tem de se expressar, da maneira como o indivíduo percebe a realidade na qual está inserido e, acima de tudo, da consciência da população, o que vem ao encontro do que propõe Volóchinov quanto ao signo ideológico.

Este afirma que a consciência só se torna consciência quando impregnada de conteúdo ideológico e de signos, ou seja, no processo de interação social.

A consciência se forma e se realiza no material signico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação signica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo signico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-98)

Na obra 1984, o Núcleo do Partido cria a Novafala com o objetivo de reduzir o nível de consciência da população. Aproximando o que Volóchinov

afirma, a consciência é o material semiótico e ideológico, assim, o Partido, ao reduzir o vocabulário da língua o máximo possível, visava a garantir que a população pensasse menos e chegasse o mais próximo de uma existência baseada em obediência e em não questionamento das imposições feitas por aqueles que estão no comando, visto que não teriam capacidade de fazer o contrário.

A consciência, desse modo, é tão social quanto a ideologia. É por meio dela e de fatores sociológicos que o sujeito toma consciência de sua individualidade, de seus direitos e de seu próprio valor, adquirindo confiança em si mesmo. Isto é, até mesmo a personalidade é uma construção social, e os pensamentos e atividades mentais são um território social. Se, de acordo com Volóchinov (2017), a consciência é inacabada, se não está relacionada a um material (seja ele uma palavra ou uma imagem), que é assimilado a partir do exterior, do social, o mundo interior adapta-se totalmente às possibilidades que o indivíduo tem de se expressar. Ou seja, a expressão organiza a atividade mental, e não o contrário.

Na perspectiva de Volóchinov (1976, p. 24, *tradução nossa*):

A consciência toma forma e vida na matéria dos signos criados por um grupo organizado no processo de seu intercâmbio social. A consciência individual se alimenta de signos; deles obtém seu crescimento; reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privássemos a consciência de seu conteúdo semiótico, ideológico, não ficaria absolutamente nada. A consciência só pode hospedar-se na imagem, na palavra, no gesto significativo etc. Fora dessa matéria resta o puro ato fisiológico não iluminado pela consciência, sem que os signos tenham lhe dado luz, sem que lhe tenham dado significado.⁴

Nesse sentido, o indivíduo se constitui a partir do discurso e absorve as vozes presentes no contexto social em que está inserido. Devido às inúmeras vozes assimiladas pelo sujeito, o mundo interior está em constante modificação, incorporando novos signos a todo momento.

⁴ Do original: "La conciencia toma forma y vida en la materia de los signos creados por un grupo organizado en el proceso de su intercambio social. La conciencia individual se alimenta de signos; de ellos obtiene su crecimiento; refleja su lógica y sus leyes. La lógica de la conciencia es la lógica de la comunicación ideológica, de la Interacción semiótica de un grupo social. Si privamos a la conciencia de su contenido semiótico, ideológico, no quedaría absolutamente nada. La conciencia solo puede hospedarse en la imagen, en la palabra, en el gesto significativo, etcétera. Fuera de este material, queda el puro acto fisiológico no iluminado por la conciencia, sin que los signos le hayan dado luz, sin que le hayan dado significado".

É na interação verbal que, segundo Volóchinov (2017), a psicologia do grupo social se realiza. Essa psicologia une a estrutura sociopolítica e a ideologia e é uma manifestação exterior, contida na palavra, gesto ou ação. A psicologia do corpo social é o berço da criação ideológica, e o ambiente em que os atos de fala acontecem, sejam eles dos mais diferentes modos discursivos; a variabilidade de formas de interação verbal está diretamente relacionada à situação social de sua produção.

Essa situação e organização, na qual os indivíduos estão inseridos, é chamada por Volóchinov de horizonte social, que envolve as condições socioeconômicas de um determinado grupo. Para que um objeto consiga desencadear uma reação semiótico-ideológica, sua ligação ao horizonte social do grupo ao qual se refere é fundamental.

Consoante Volóchinov (2017), para o sujeito, o que importa não é se um enunciado apresenta palavras ou elementos incorretos em sua estrutura, o que importa é se essa enunciação é verdadeira ou falsa. Por conseguinte, a língua, que tem na palavra a sua concretização, não pode ser separada do critério ideológico; ela está inserida num ambiente cultural, e esse ambiente influi diretamente na sua estrutura e ideologia. Volóchinov (2017) afirma que uma língua comum a todas as classes sociais de uma sociedade é uma ideia ficcional, elemento marcado na Novafala, isto é, esse novo idioma é projetado e compreendido apenas pelo Núcleo do Partido e pelo Partido Exterior.

De acordo com Volóchinov (1976, p. 25, *tradução nossa*), a palavra tem lugar de destaque no estudo das ideologias, pelo menos por duas razões:

O poder indicador e representativo da palavra como fenômeno ideológico, assim como a excepcional especificidade de sua estrutura semiótica [...]. Precisamente, a palavra apresenta a matéria mais reveladora das formas ideológicas gerais básicas da comunicação semiótica.⁵

Os indivíduos penetram na língua e a modificam conforme sua vivência, para que ela sirva

ao propósito de comunicar. Logo, visto que estão inseridos em um cenário socioeconômico específico, os sujeitos têm a interferência dessa realidade na maneira como percebem o mundo e isso apresenta um efeito direto na língua. Volóchinov (2017) cita a fome como um exemplo disso: se um membro de uma comunidade pobre, que convive com a miséria e a escassez de alimentos diariamente, ouve a palavra *fome*, ela terá um significado completamente diferente do significado que seria atribuído a esse termo por um sujeito de classe média que conhece a fome como a sensação que sente quando está há algumas horas sem se alimentar. É por isso que, para que um signo ideológico faça sentido e seja compreendido, é necessário que ele esteja vinculado a uma organização ou grupo social.

No entendimento de Volóchinov (1976), nenhum signo cultural, que tenha um significado a ele atribuído, mantém-se isolado, desde que faça parte da unidade e da consciência verbalmente concebido. A consciência tem potencial para acessar verbalmente um signo: e

Cada refração ideológica de uma existência em processo de geração, qualquer que seja a natureza de seu material signifiante, é acompanhada por uma refração ideológica na palavra como fenômeno concomitante obrigatório. A palavra está presente em cada um dos atos de compreensão e em cada um dos atos de interpretação. (VOLÓCHINOV, 1976, p. 26, *tradução nossa*)⁶

A produção ideológica está conectada à língua da ideologia cotidiana. É nela que a ideologia é interpretada pelos integrantes de uma determinada comunidade social e adquire um novo sentido. Se desvinculada dessa língua ideológica cotidiana, que está situada em um tempo e espaço definidos, a ideologia perde seu sentido. O contexto é fundamental no processo de compreensão e, se a ideologia não estiver de acordo com o contexto de dado grupo social, ela não representa nada. Não tendo significação ou relação com os signos

⁵ Do original: "Este poder Indicador y representativo de la palabra como fenómeno ideológico, así como la excepcional especificidad de su estructura semiótica, constituirían ya razones suficientes para colocar la palabra en una posición de privilegio en el estudio de las Ideologías. Precisamente la palabra presenta la materia más reveladora de las formas ideológicas generales básicas de la comunicación semiótica".

⁶ Do original: "Cada refracción ideológica de una existencia en proceso de generación, cualquiera que sea la naturaleza de su material signifiante, es acompañada por una refracción ideológica en la palabra como fenómeno concomitante obligatorio. La palabra está presente en cada uno de los actos de comprensión y en cada uno de los actos de interpretación".

atualizados pelos indivíduos, a ideologia é extinta.

Volóchinov (2017) ressalta que a mudança de significação está relacionada ao horizonte apreciativo de um grupo social. A apreciação é, resumidamente, transmitida pela entoação e é determinada pela situação social; a mesma palavra pode ter diferentes significados a ela atribuídos pela maneira como o falante a pronuncia. Além disso, para o autor, o conteúdo ideológico não pode ser separado da forma linguística, pois toda palavra é permeada por ideologias e a própria utilização da língua está relacionada à evolução das ideologias. Já a evolução da língua, por sua vez, caminha em conjunto com a evolução do horizonte apreciativo de um determinado grupo social. Volóchinov (2017) esclarece que um dos fatores responsáveis por essa evolução é a expansão da infraestrutura econômica, porque ela promove uma alteração no objetivo de vida que é acessível aos sujeitos.

Na Oceânia, o Núcleo do Partido não permite que haja ascensão social. Não há, portanto, evolução no horizonte apreciativo da população, porque não há objetivo de melhorar de vida: essa melhora não é sequer imaginada. Se não há evolução no horizonte apreciativo da população, não há necessidade de evolução na língua e, consequentemente, de alteração no sistema ideológico.

O sentido da palavra reside no contexto, e este, muitas vezes, pode ser conflitante. No ato de fala, em um diálogo, por exemplo, isso é facilmente perceptível: nesse contexto, uma única palavra pode ser usada para representar dois sentidos completamente opostos. Portanto, cabe ao indivíduo, na enunciação, determinar qual é o seu objetivo e, consequentemente, o significado atribuído às palavras utilizadas. Na Novafala, objeto deste estudo, a duplicidade e oposição de sentidos serve exatamente para atender à ideologia do Núcleo do Partido, questão que será analisada mais adiante.

De acordo com Volóchinov (2017), o pensamento estrutura-se quando é relacionado ao sistema ideológico e aos signos assimilados previamente.

Se, conforme defende, a consciência é inacabada se não está relacionada a um material (seja ele uma palavra ou uma imagem), que é assimilado a partir do exterior, do social, o mundo interior adapta-se totalmente às possibilidades que o indivíduo tem de se expressar. Volóchinov (2017) ressalta, ainda, que, na consciência do sujeito, a língua não funciona como um sistema de normas, mas sim como um veículo a partir do qual o locutor expressa suas necessidades enunciativas: o que importa ao sujeito é que a forma linguística possa figurar num determinado contexto e que esteja adequada a ele, o que confere ao signo o seu traço de variabilidade e flexibilidade.

Consoante Volóchinov (2017), o pensamento, materializado na consciência, tem como alicerce o sistema ideológico de conhecimento, pois todos os processos de compreensão se dão a partir da relação entre signos. Mesmo na introspecção, que Volóchinov (2017) define como o processo de esclarecimento e diferenciação dos signos interiores na atividade mental, ao compreender um dado objeto, este torna-se exterior e adquire, consequentemente, um caráter ideológico. A compreensão está diretamente relacionada ao contexto de produção do signo ou da enunciação, e essa situação de produção é sempre externa, ou seja, social. Desse modo, o signo e a situação social estão indissociavelmente ligados.

Nas palavras de Volóchinov (1976, p. 19, *tradução nossa*):

Um produto ideológico não só constitui uma parte da realidade (natural ou social) como qualquer corpo físico, qualquer instrumento de produção ou produto para consumo, a menos que também, em contraste com esses outros fenômenos, reflita e refrate outra realidade exterior a ele. Todo o ideológico possui significado: representa, figura ou simboliza algo que está fora dele. Em outras palavras, é um signo. Sem signos, não há ideologia. Um corpo físico é igual a si mesmo, por assim dizer; não significa nada a não ser que coincida totalmente com sua natureza particular dada. Nesse caso não há problema de ideologia.⁷

⁷ Do original: "Un producto ideológico no solo constituye una parte de una realidad (natural o social) como cualquier cuerpo físico, cualquier instrumento de producción o producto para consumo, sino que también, en contraste con estos otros fenómenos, refleja y refracta otra realidad exterior a él. Todo lo ideológico posee significado: representa, figura o simboliza algo que está fuera de él. En otras palabras, es un signo. Sin signos, no hay ideología. Un cuerpo físico es igual a sí mismo por así decir; no significa nada sino que coincide totalmente con su particular naturaleza dada. En este caso no hay problema de ideología".

Conforme mencionado anteriormente, Volóchinov (2017) defende que o mundo interior é adaptado à possibilidade que o indivíduo dispõe para se expressar; em outras palavras, a expressão organiza a atividade mental, e não o contrário. A expressão é determinada no psiquismo do sujeito e é exteriorizada para o outro por meio do uso de um código de signos, sendo composta por dois elementos: o conteúdo, que é interior, e o objetivo, que é exterior, que pode ser tanto para o outro quanto para si mesmo. A essência da expressão reside no interior; o exterior só é necessário por abrigar o conteúdo interior (VOLÓCHINOV, 2017). A palavra, composição da expressão, sempre é dirigida a um indivíduo. Por ser proferida por alguém e se dirigir a outro alguém, a palavra nada mais é do que um produto da interação entre interlocutores, constituindo uma espécie de ponte entre um ser e outro. Esses interlocutores sempre estão situados em um horizonte social, que é o responsável pela estruturação da enunciação; essa, por sua vez, é definida por Volóchinov (2017) como o produto de uma situação social imediata e um meio social. Enquanto a situação social determina o estilo, a forma da enunciação, o meio social define a camada mais profunda da estrutura, que é permeada pelas pressões sociais às quais o locutor está submetido.

Em relação ao ouvinte potencial, [...] é possível distinguir dois polos ou dois extremos entre os quais a vivência pode ser concebida e formada ideologicamente, tendendo ora para uma direção, ora para outra. Denominaremos esses extremos convencionalmente de "vivência do eu" e "vivência do nós".

[...] a "vivência do eu", tende à eliminação; isto é, ela perde a sua forma ideológica à medida que se aproxima do limite e, por conseguinte, deixa de ser concebida, aproximando-se da reação fisiológica do animal. [...] A "vivência do nós" não é de modo algum uma vivência gregária primitiva: ela é diferenciada. Mais do que isso, a diferenciação ideológica e o aumento da consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à convicção da orientação social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 208)

Nesse sentido, o indivíduo acaba por se constituir a partir do discurso, e absorve as vozes presentes no contexto social em que está inserido. De acordo com Fiorin (2016, p. 61),

[...] como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relação de concordância ou discordância.

Devido às inúmeras quantidades de vozes que são absorvidas pelo sujeito, o mundo interior está em constante modificação, incorporando novos signos a todo momento. Mesmo que Volóchinov afirme que até mesmo a personalidade é uma construção social, é importante frisar que o indivíduo não é "assujeitado, pois ele participa do diálogo de vozes de uma maneira particular, porque a história da constituição de sua consciência é singular. O sujeito é integralmente social e integralmente singular" (FIORIN, 2016, p. 64).

Visto que a consciência é formada a partir das vozes sociais, os enunciados produzidos pelo indivíduo também são permeados por essas vozes, o que atribui a eles um caráter dialógico. O dialogismo, para Bakhtin, "são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados" (FIORIN, 2016, p. 22), é a influência que a multiplicidade de vozes tem sobre o enunciado produzido. Essa multiplicidade de vozes nada mais é do que a ideologia do grupo social.

Assim, fica claro que, para os membros do Círculo de Bakhtin, o contexto social permeia não somente o conteúdo e a forma de expressão dos indivíduos de um determinado grupo, mas também a consciência individual de cada sujeito, visto que os pensamentos são organizados pelos signos, e estes, por sua vez, são sempre ideológicos, portanto, sociais.

Faraco (2009) destaca que Bakhtin, no texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*, sustenta que é no contexto cultural semântico-axiológico que se manifestam enunciados concretos, o que elimina a possibilidade de se acreditar em enunciados neutros. A isso, acrescenta que, para o filósofo russo, as vozes sociais coexistem em permanente tensão socioaxiológica, contradizendo-se e reconfigurando-se, por exemplo.

Além de tratar da vida útil da obra ideológica, Volóchinov (2017) também refere que, quando um novo sistema ideológico é desenvolvido, ele

é capaz de trazer alguma mudança no campo social rapidamente e com certa força. Porém:

É claro que no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as práticas e as abordagens ideológicas. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 215)

Em outras palavras, mesmo que uma obra ideológica seja revolucionária, ela dificilmente será forte o suficiente para substituir o sistema ideológico vigente.

3 A Novafala e o conceito de signo ideológico

Volóchinov (2017) afirma, como referido anteriormente, que todo signo é ideológico, ou seja, todo signo carrega uma multiplicidade de significados e, em vista disso, uma ampla gama de possibilidades de compreensão e interpretação por parte daqueles que o utilizam e que a ele são expostos. Na Oceânia, aqueles que fazem parte da classe dominante estão cientes de que, enquanto a expressão fosse ilimitada e o pensamento fosse organizado livremente, haveria o perigo de que, aquilo que Volóchinov chama de ideologia do cotidiano, adquirisse um caráter de oposição à ideologia do Partido. Como explica, é difícil que a ideologia do cotidiano, aquela que emerge na interação, seja forte e consiga se infiltrar e assumir a posição de ideologia dominante, mas não é impossível. No caso da Oceânia, seria um processo demorado, mas se a ideologia da oposição perdurasse por tempo suficiente e fosse adotada por uma parte da população, existiria o risco de que o Partido se visse destituído do seu lugar de poder. Portanto, se o Partido não organizasse uma estratégia para conter qualquer possibilidade de uma revolta contra seus ideais, poderia enfrentar uma rejeição no futuro. Assim, criaram a Novafala.

O *Socing* precisava de uma língua que atendes-se às suas necessidades ideológicas e que fosse reflexo do estilo de vida ortodoxo que os membros do Partido deveriam ter. O Partido, então, reuniu

uma equipe de filólogos para que eles comessem a fazer modificações na língua atual, que ficou conhecida como Velhafala. Esses especialistas faziam uma minuciosa seleção das palavras que deveriam permanecer e das que deveriam ser descartadas, combinando palavras e atribuindo a elas novos significados, que eram apresentados à população no Dicionário da Novafala. Uma nova edição do dicionário era lançada de tempos em tempos e, a cada reedição, o vocabulário diminuía. Essa redução era considerada um sucesso, pois, quanto menor o vocabulário, menor a autonomia na organização da expressão e, conseqüentemente, menor a extensão do pensamento. Esperavam que, em determinado momento, os indivíduos conseguissem se comunicar sem que o pensamento fosse necessário. Toda comunicação seria baseada na *patofala*: o indivíduo iria grasnar opiniões sem nenhuma reflexão.

Palavras como "ciência" também são excluídas do vocabulário da Novafala, pois o método empírico do pensamento vai contra os ideais do Partido e, portanto, não deve existir. A narrativa se passa no ano de 1984; e o Núcleo do partido espera que, até 2050, a "Velhafala" tenha sido completamente extinta, de modo que nenhum ser humano vivo será capaz de entender uma conversa no idioma antigo. Até mesmo o lema do Partido, "Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força", terá de ser modificado, porque o conceito de liberdade terá sido abolido. A maneira como o ser humano pensa será modificada, nas palavras da personagem Syme:

Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito de que pudermos necessitar será expresso por apenas *uma* palavra, com significado rigidamente definido, e todos os seus significados subsidiários serão eliminados e esquecidos. [...] A Revolução estará completa quando a linguagem for perfeita. A Novafala é o Socing, e o Socing é a Novafala [...]. (ORWELL, 2009, p. 68-69)

Como o Partido deseja perpetuar-se no poder, a Novafala é o meio perfeito para atingir esse fim. Em um contexto em que a opinião divergente não pode ser pensada e formulada, ela também

não pode ser expressada e, assim, neutraliza-se qualquer ameaça à soberania do Partido antes mesmo de sua existência.

O plano do Partido era, portanto, eliminar palavras, o que eliminaria conceitos, e, consequentemente, eliminaria ações. Contudo, às vezes, não consideravam necessário eliminar palavras, bastava modificar seu significado. No caso de "livre", por exemplo, a palavra ainda consta no Dicionário da Novafala, mas seu significado fica restrito à ideia de "vago", "liberado", podendo ser usada apenas em enunciados como "O banheiro está livre"; o conceito de liberdade, como o conhecemos, é o que teria sido eliminado.

3.1 Características da Novafala

O vocabulário da Novafala, segundo o apêndice da obra escrito por Orwell (2009), pode ser dividido em três partes, considerando seu uso ou seu significado. A primeira parte consiste nas palavras utilizadas para denominar ações praticadas no dia a dia, como se alimentar, trabalhar, vestir-se, entre outras.

Nesse caso, qualquer palavra pode ser usada de modo a pertencer a qualquer classe gramatical. Eliminando a variedade de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, além de uma redução de vocabulário, reduz-se a possibilidade de associar as palavras a outros significados senão aquele que ela deve expressar. Na Novafala, a variação no sentido acontece por meio do uso de prefixos e sufixos: só existem advérbios terminados em -mente; os adjetivos ganham intensidade a partir do acréscimo do prefixo mais- ou duplormais-, ou são transformados no seu antônimo por meio do prefixo des-. Aqui, podemos analisar o caso da palavra "bom": como antônimo, temos "desbom", que substitui "ruim". Nos casos em que a palavra em Velhafala possuía um antônimo, escolhia-se manter aquela que oferecesse menos espaço para interpretação. Do ponto de vista do Partido, é melhor dizer que algo é "não bom" do que dizer que algo é "ruim", já que, mesmo que se esteja falando de algo negativo, a consciência guardaria apenas o conceito do que é bom; o ruim não passaria de algo que não se encaixa nessa categoria. Nessa primeira parte do vocabulário, o objetivo principal é manter palavras de pronúncia fácil e

sons curtos, excluindo a complexidade, seja ela em relação ao seu emprego na comunicação, seja ela em relação ao seu sentido.

A segunda parte do vocabulário corresponde às palavras de cunho político, "palavras que não apenas tinham implicações políticas como tencionavam impor uma disposição mental desejável nas pessoas que as usavam" (ORWELL, 2009, p. 352). A principal característica desse grupo de palavras é que, em sua esmagadora maioria, são compostas a partir de um motivo bastante específico: quando duas ou mais palavras são aglutinadas em uma só, essa nova palavra reúne em si inúmeros significados, de maneira que, por serem representadas por um único termo, alguns de seus conceitos acabam sendo ignorados ou esquecidos.

Dentre os vocábulos que compõem esse grupo estão: "benepensar", "brecacrime", "duplipensamento", "negribranco", "patofala", entre outros. A maior parte dos exemplos são palavras que apresentam sentidos contraditórios, por exemplo, "negribranco" é a capacidade de afirmar que o negro é branco, se assim o Partido desejar, e deixar de acreditar nisso se assim for necessário. Em alguma medida, todas essas palavras e os exercícios da mente que elas implicam estão relacionados ao "duplipensamento", ao acreditar que duas ideias opostas são verdadeiras e ignorar o quão contraditória é essa crença.

Nessa parte do vocabulário, palavras como "liberdade, honra, justiça, moralidade, internacionalismo, democracia, ciência e religião" (ORWELL, 2009, p. 354) seriam eliminadas e, posteriormente, o que significavam estaria bem representado por apenas uma expressão em Novafala: "pensamento-crime". Os membros do Partido, educados e treinados para saberem qual é a conduta certa a ser seguida, saberiam que podem existir maneiras de viver fora do status quo. Entretanto, é mais fácil manter a ortodoxia quando não se conhece ou se evita conhecer essas possíveis transgressões.

A segunda parte do vocabulário, por incluir tudo o que pode estar relacionado à política, também engloba o nome de organizações, como o Ministério da Verdade. Na Novafala, as organizações têm seus nomes abreviados; Ministério da Verdade se transforma em "Miniver".

O emprego de palavras e frases telescópicas tornou-se um traço característico da linguagem política já nas primeiras décadas do século XX. E a tendência a usar abreviações como essas era particularmente pronunciada em países e organizações de caráter totalitário. Alguns exemplos são os termos *nazi*, *Gestapo*, *Comintern*, *Imprecorr*, *agitprop*. No início, era uma prática quase espontânea, porém em Novafala ela possuía um propósito consciente. Observou-se que tais abreviações estreitavam e modificavam sutilmente o sentido das palavras originais, eliminando a maior parte das associações que de outra forma se manteriam vinculadas a elas. (ORWELL, 2009, p. 356)

Em outras palavras, ao utilizar "Miniver", a palavra "verdade" permanece oculta. Assim, oculta-se também o significado de "verdade" e evita-se a reflexão em relação às práticas do ministério que, ao invés de praticar a verdade, ocupa-se da manipulação das fontes históricas, ou seja, sua

real função é mentir. Esse tipo de associação provocaria um eco indesejado na consciência dos membros do Partido, sendo assim, deveria ser evitada a qualquer custo.

A terceira e última parte do vocabulário compreende as palavras relacionadas ao meio técnico e científico. Os vocábulos eram organizados em listas e distribuídas aos cientistas, sendo que cada lista continha os termos necessários a um segmento específico e raramente seriam encontrados termos comuns a mais de uma delas. Mesmo que voltadas à ciência, nenhuma palavra poderia levar à reflexão acerca do papel da ciência como método ou hábito do pensamento.

O Quadro 1, a seguir, apresenta as palavras em Novafala, que são apresentadas no decorrer da narrativa *1984* (ORWELL, 2009).

Quadro 1 – Glossário de palavras em Novafala

Palavra	Significado	Aplicação
Benepensante	Significado: adjetivo usado para referir-se a alguém que só tem pensamentos bons.	Aplicação em um enunciado: "Era... Sabe aquela palavra em Novafala, benepensante? Com o sentido de 'naturalmente ortodoxo', 'incapaz de ter um mau pensamento'?" (ORWELL, 2009, p. 160).
Brecacrime	Significado: é uma espécie de "ponto cego" que a mente desenvolve. Sempre que um pensamento perigoso emerge, automaticamente recorre-se ao ponto cego, no qual o pensamento é desmentido ou simplesmente ignorado.	Aplicação em um enunciado: "Passou a exercitar-se em brecacrime. Apresentava a si mesmo algumas proposições - "o Partido diz que a Terra é plana", "o Partido diz que o gelo é mais pesado que a água" - e treinava para não ver ou não entender os argumentos que as contradiziam. [...] Era preciso, também, praticar uma espécie de atletismo mental: num momento recorrer ao raciocínio lógico mais sofisticado e, no momento seguinte, ignorar os equívocos lógicos mais grosseiros. A burrice era tão necessária quanto a inteligência, e igualmente difícil de ser adquirida" (ORWELL, 2009, p. 324-325).
Negribranco	Significado: semelhante ao duplipensamento, "negri-branco" também se refere à capacidade de acreditar que duas ideias opostas são verdadeiras.	Aplicação em um enunciado: "Como tantas outras palavras em Novafala, ela tem dois sentidos mutuamente contraditórios. Aplicada a um adversário, alude ao hábito que esse adversário tem de afirmar desavergonhadamente que o negro é branco, em contradição com os fatos óbvios. Aplicada a um membro do Partido, manifesta a leal disposição de afirmar que o negro é branco sempre que a disciplina do Partido exigir. Mas significa ao mesmo tempo a capacidade de acreditar que o negro é branco e, mais, de saber que o negro é branco, e de esquecer que algum dia julgou o contrário. Isso exige uma alteração contínua do passado, tornada possível pelo sistema de pensamento que realmente abrange tudo o mais que é conhecido em Novafala como duplipensamento" (ORWELL, 2009, p. 250).

Palavra	Significado	Aplicação
Patofala	Significado: é o ato de grasnar como um pato.	Aplicação em um enunciado: "Tem uma palavra em Novafala", disse Syme, "que não sei se você conhece. Patofala, grasnar feito um pato. É uma dessas palavras interessantes com dois sentidos contraditórios. Quando aplicada a um adversário, é ofensa; aplicada a alguém com quem você concorda, é elogio" (ORWELL, 2009, p. 71).
Pensamento-crime	Significado: é o ato de ter pensamentos contrários ou duvidosos em relação ao Partido ou Grande Irmão.	Aplicação em um enunciado: "Cometera [...] o crime essencial que englobava todos os outros. Pensamento-crime, eles o chamavam. O pensamento-crime não era uma coisa que se pudesse disfarçar para sempre. Você até conseguia se esquivar durante algum tempo, às vezes durante anos, só que mais cedo ou mais tarde, com toda certeza, eles o agarrariam" (ORWELL, 2009, p. 29-30).
Vaporização	Significado: é o apagamento da existência de um indivíduo que, de alguma forma, foi contra os ideais do Partido.	Aplicação em um enunciado: "Na vasta maioria dos casos não havia julgamento, não havia registro de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos arquivos, todas as menções a qualquer coisa que tivessem feito eram apagadas, suas existências anteriores eram negadas e em seguida esquecidas. Você era cancelado, aniquilado. Vaporizado, era o termo costumeiro" (ORWELL, 2009, p. 30).

Fonte: As autoras (2021), com base na obra *1984*, de George Orwell.

Ao se fazer a aplicação em um enunciado de algumas palavras da Novafala, é possível confirmar o que Faraco (2009) retoma dos postulados bakhtinianos quanto a não existência de enunciados neutros, visto que cada enunciado é proferido em um contexto cultural impregnado de valores e significados, sendo, portanto, um ato responsivo que reflete uma tomada de posição.

3.2 A Novafala e a revolução

Compreender inteiramente o significado do vocabulário em Novafala é impossível para quem não é falante do idioma. Isso porque a ideologia por trás dos signos não faz sentido para quem não está inserido no contexto social em que ela foi produzida. Volóchinov (2017) afirma que é no corpo social que a ideologia é criada e seu meio de produção impregna as palavras com conteúdo ideológico. Para que o signo ideológico seja compreendido e faça sentido para o indivíduo que a ele é exposto, é necessário que ele esteja vinculado ao contexto social de produção. Portanto, é impossível traduzir um texto da Velhafala para a Novafala e vice-versa sem que se perca

o seu sentido. Isso acontece, pois o significado dos termos que existem em Novafala "integravam o 'código ideológico de comunicação'" (BRAIT, 2005, p. 208) dos membros do Partido, o que o torna ininteligível em sua integralidade para aqueles que estão fora dessa organização social e impossibilita que aqueles que estão inseridos na organização compreendam o signo ideológico que é produzido fora dela.

A Novafala foi desenvolvida com a finalidade de tornar impossível a formação de um pensamento herege. Um pensamento que tivesse esse viés poderia emergir na consciência, mas, na falta de palavras para organizá-lo, ele perderia sua força. Volóchinov (2017) afirma que o pensamento só adquire forma quando apoiado em signos; antes disso ele é inacabado. Então, quando uma ideia que se aproximasse da heresia emergisse, ao deparar-se com uma barreira que a impedisse de avançar em direção à expressão, morreria antes mesmo de ser concluída.

Assim, a Novafala seria a principal arma do arsenal do Partido: suas estratégias de manipulação, tão bem elaboradas, não enfrentariam nenhuma

resistência. Conforme afirma Syme, um dos filólogos que trabalha na elaboração da Novafala, a "Revolução estará completa quando a linguagem for perfeita" (ORWELL, 2009, p. 69); nem sequer a prática tão característica do autocontrole por meio do "duplipensamento" seria necessária: a ideologia do Partido se estenderia de consciência em consciência, propagando-se involuntária e espontaneamente. O Partido, ao final da transição para a Novafala, teria conseguido retirar da população o que a faria perceber que está sendo manipulada: a reflexão, o conhecimento, a consciência. As práticas do Partido não seriam questionadas, a população se tornaria um exército de autômatos que venerariam a figura do Grande Irmão, desprovidos de individualidade e de pensamento crítico. Perder-se-ia a capacidade de pensar por si só. Quando a Velhafala tivesse sido completamente destruída, e a Novafala tivesse sido implementada plenamente, o Partido finalmente conseguiria aquilo que tanto almejava: sua soberania intransponível e o controle total sobre a população.

Considerações finais

O objetivo do Partido, desde que assumira o governo da Oceânia, era a manutenção do poder. Para a garantia desse poder, diversas estratégias de manipulação da população foram elaboradas: a) o estado de guerra constante; b) a modificação e ocultação de acontecimentos passados, fazendo com que a população, desprovida de memória, repetisse a história e seus erros em um ciclo vicioso e ininterrupto de desinformação; c) a impossibilidade de ascensão social limitaria o horizonte apreciativo da população, o que, conseqüentemente, limitaria suas prospecções de futuro, fazendo com que a língua não evoluísse e, como resultado, ter-se-ia uma ideologia permanente; e d), por fim, a criação da Novafala, *corpus* deste estudo, que funcionaria como um modificador da organização da consciência do grupo social e eliminaria qualquer possibilidade de desobediência ao discurso do Grande Irmão.

O Partido, ao criar um sistema de signos próprio, rígido e inflexível, e implantando-o como uma re-

formulação da língua que deve, obrigatoriamente, ser adotada por todos os seus membros, exclui, por conseguinte, as diferentes ideologias que poderiam permear a consciência dos indivíduos.

O signo, conforme afirma Volóchinov (2017), dá a possibilidade de apresentar a realidade e de distorcê-la a partir de um determinado ponto de vista, e é exatamente isso que o Partido consegue com a Novafala: distorcer a percepção de mundo dos sujeitos, controlando, assim, seu pensamento e suas atitudes. Essa distorção é possível porque a palavra é utilizada pelo indivíduo como signo interior, por meio do qual o pensamento é organizado e como ferramenta da consciência. Quando as palavras e seus significados são modificados ou extintos, o sujeito perde sua autonomia de pensamento, já que sua consciência só pode se expandir até o ponto que o Partido permitir. A voz do Partido é a voz da autoridade o que, conforme Fiorin (2016), confere a ela a propriedade de não ser passível de questionamentos. Volóchinov (2017) compara o processo de compreensão e interpretação a um diálogo. Entretanto, na Oceânia, a voz da consciência é silenciada, restando somente uma voz: a do Partido. A população perde sua consciência e torna-se um mero amplificador de ideias, incapaz de questionar e contestar as práticas do sistema vigente, já que a capacidade de o fazer lhes foi retirada por aqueles que se interessam somente em manter sua posição na classe dominante.

Limitar os signos de uma língua, é limitar a capacidade do indivíduo de compreender o mundo em sua plenitude. A carga ideológica que cada signo carrega pode tanto libertar quanto aprisionar.

Embora a análise proposta neste estudo tenha sido pautada em uma história de ficção, não é possível ignorar a existência desse recurso nos diferentes tipos de governos. Manter a "massa" sob controle é imperioso para que um governo autoritarista, como a da Oceânia, atinja seus objetivos. Além disso, permite que se faça uma reflexão sobre a manipulação que pode existir na realidade, em que o que é dito e como é dito pode ser determinante para a prisão ou libertação de um povo.

Referências

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin N. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Carina Maria Melchiors Niederauer

Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul, RS, Brasil; professora e pesquisadora na UCS, em Caxias do Sul, RS, Brasil.

Anna Carolina Pasquali

Graduada em Letras – Licenciatura, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Carina Maria Melchiors Niederauer
Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, bloco L, sala 207
Petrópolis, 95070-560
Caxias do Sul, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.